

A DEFESA DE EVA, POR HILDEGARDA DE BINGEN

Mirtes Emília Pinheiro

Doutora em Estudos Clássicos e Medievais e Professora da SEDUC - MG
miltapinheiro01@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como proposta, discorrer sobre Eva, uma personagem que desperta sentimentos ambíguos, sobretudo na Idade Média. Tida por muitos como a pecadora, aquela que levou o homem à perdição eterna, a antítese de Maria, seu lugar poderia parecer destinado ao limbo; mas não ao esquecimento, pois sua figura constantemente despertava a lembrança do paraíso perdido e daquela que não só desobedeceu às ordens divinas como também induziu o homem a fazer o mesmo. No entanto, ao nos depararmos com as obras de Hildegarda de Bingen, percebemos que, embora ela trate Eva com certa dualidade, na maioria de seus relatos apresenta-a, se não isenta de culpa, ao menos dividindo essa culpa com seu parceiro, Adão.

Palavras chaves: Hildegarda de Bingen, Eva, Feminino

THE DEFENSE OF EVE, BY HILDEGARD OF BINGEN

Summary

The purpose of this work is to discuss Eve, a character who arouses ambiguous feelings, especially in the Middle Ages. Considered by many as the sinner, the one who led man to eternal perdition, the antithesis of Mary, her place could seem destined for limbo; but not to oblivion, as her figure constantly awakened the memory of the lost paradise and of the one who not only disobeyed divine orders but also induced man to do the same. However, when we come across the works of Hildegard of Bingen, we realize that, although she treats Eve with a certain duality, in most of her reports she presents her, if not free of guilt, at least sharing this guilt with her partner, Adam.

Keywords: Hildegard of Bingen, Eva, Female

Eva e Maria, perdição e salvação

O livro de *Gênesis* apresenta duas versões para a criação da mulher:

Na primeira que se encontra no Capítulo I: 26,27 homem e mulher são criados simultaneamente.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (*Gênesis*, I:26,27).

Já em *Gênesis* 2, 4b-3,24, apresenta uma narrativa diferente: primeiro Deus cria o homem e, a partir dele, cria a mulher:

21 Mandou, pois, o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e, enquanto ele estava dormindo, tirou uma das suas costelas e pôs carne no lugar dela. 22 E da costela, que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher; e a levou a Adão. 23 E Adão disse: eis aqui agora o osso de meus ossos e carne da minha carne, ela se chamará virago, porque do varão foi tomada.

A versão que prevaleceu foi a segunda, ou seja, que a mulher foi criada a partir do homem e é exatamente esse argumento que Hildegarda vai usar para fazer sua defesa de Eva. A personagem Eva sofreu duras críticas, sobretudo no período medieval. Condenada por sentenciar todos os demais à danação eterna, não fosse à intervenção divina que, ao mesmo tempo em que permitiu que o pecado entrasse no mundo através de uma mulher, também permitiu que através de uma mulher viesse à salvação para a humanidade. Eva e Maria são as duas faces da mesma moeda: perdição e salvação. Eva X Ave.

Ao longo do tempo, a personagem Eva foi sendo moldada e adquirindo características que a aproximam mais da figura de Pandora do que da Eva canônica, personagem central da cena do Éden. E as surpresas se sucederam. O fato de comer do fruto da árvore do conhecimento vai se desdobrar, e terá consequências no momento em que foi praticado, mas também fará desencadear uma sequência de acontecimentos, com início (criação), meio (queda) e fim (redenção). É importante lembrar que Eva não estava sozinha ao praticar a ação, portanto, não seria justo que ela tivesse sobre si todo peso da culpa e da responsabilidade pelo ato praticado.

A partir de um determinado momento Eva passou a ser vista por alguns comentadores como um ser secundário, um apêndice do homem, porque nasceu da costela dele; e é exatamente isso que Hildegarda vai refutar: para ela, Eva apresenta um diferencial exatamente por ter sido criada da carne de um homem, ao contrário de todos os outros animais, criados a partir do barro.

Hildegarda integra o elemento feminino em sua teologia: o amor de Deus é um amor maternal que dá a vida e se manifesta pela doçura e a misericórdia. Em sua interpretação da parábola de Lucas 15,8-10 que versa sobre a dracma perdida, se compara Deus com a mulher que busca a dracma, ou seja, o ser humano que se perdeu e que ilumina, para encontrá-lo, a luz de Cristo (Epiney- Brunn, Zum, 2007, p.55).

Percebemos que estudar as mulheres, no caso específico de Hildegarda e Eva, trouxe o exercício de pensar nas relações construídas entre os dois sexos: são relações

ligadas a um mecanismo de poder, que inferiorizou as mulheres, tentando minimizar sua presença, chegando, em alguns casos, a anulá-las, ou não lhes dando a devida importância no processo histórico, negando-lhes o espaço de atuação, como foi o caso de místicas, monjas, abadessas, beguinas. Ressaltamos que foi no espaço monástico que muitas mulheres puderam dar vazão a sua ânsia de conhecimento (nela incluindo a leitura e a escrita), tendo a oportunidade de se dedicar a eles.

A figura de Eva é emblemática na concepção hildegardiana, pois carrega uma dualidade: é, ao mesmo tempo, responsabilizada pelo pecado da desobediência, que culminou com a Queda da humanidade, e, por outro lado, é a primeira mãe dessa mesma humanidade. Em função dessa dualidade, Hildegarda tem o entendimento de seu papel ambivalente na história da vida humana, pois, se por um lado Eva representa o poder criador da divindade por meio da maternidade, por outro, ela não escapou nem da influência da tradição agostiniana, que ligava o pecado original à concupiscência ou ao desejo, nem da tradição monástica, com sua forte valorização da virgindade. Tradições, formadas e perpetuadas por “(...) homens celibatários, são notórias por sua tendência em identificar o sexo em geral com o sexo feminino em particular, condenando assim Eva e suas filhas como a fonte da tentação” (Oliveira, 2013. p. 220).

Eva/Maria, a dualidade feminina

É bem mais fácil identificar Eva com a raça humana do que Maria. Talvez isso explique por que Hildegarda dá mais atenção a ela em seus escritos. Eva, assim como todos os humanos, colheu os frutos do pecado cometido, identificando-se com a raça humana caída, participando dos sofrimentos resultantes da queda. Maria, em sua perfeição, permanece em um patamar inatingível, tornando-se muito difícil compará-la ao ser humano. Ela é Virgem e Mãe ao mesmo tempo, dois dados incompatíveis, pois uma mulher só poderá ser mãe se for desvirginada, e uma virgem humana, neste estado, jamais poderá ser mãe: “Com tudo isso, há em Maria outra coisa maior, que se admira, a fecundidade junto com a virgindade. Jamais se ouviu, nos séculos, que uma mulher fosse juntamente mãe e virgem” (San Bernardo. 1941, 1, 7).

Um dos pontos básicos de Hildegarda é a dicotomia homem = força X mulher = debilidade. Entretanto, o sentido que ela apresenta para essa debilidade é muito mais positivo do que aquele costumeiramente aceito. Nos seus escritos litúrgicos, “(...) o pecado de Eva é sempre posto em relevo com o objetivo de exaltar o papel da Virgem Maria”; entretanto, em seus escritos científicos, ela “(...) apresenta uma nota mais

naturalista, que se expressa em termos mais diretos sobre a união carnal do homem e da mulher e sobre os temperamentos femininos, situando-se assim em uma perspectiva mais clínica do que moralista” (Épiney; Zum, 2007. p. 54).

Eva e Maria apresentam semelhanças em vários aspectos. Hildegarda explica que Jesus foi engendrado de uma virgem, única entre todas as mulheres, “(...) cujo oculto jardim nada abriu nem nunca ousou tocar. Porque, como o orvalho penetra na terra, assim Jesus foi inserido em Maria, e não tem raiz no homem, sendo ele raiz da divindade, como o raio de sol que fecunda a terra a fim de que brote”. E como Maria concebeu sem corrupção nem dor, é certo que seu parto foi também indolor: “Assim, como em um sonho, Jesus nasceu, tal como Eva, que foi extraída do homem que estava dormindo e que, ao acordar, sem dor, nem ferida, a viu diante de si e se alegrou com o fato” (Hildegarda, *LDO*, 3,2,13).

Hildegarda afirma que, em se tratando das dores do parto, Maria foi poupada, pois o “Espírito Santo cobriu com sua sombra a Bem-Aventurada Mãe, de modo que ela miraculosamente concebeu sem dor, deu à luz o Filho de Deus e ainda permaneceu Virgem” (Hildegarda, *Scivias*, 2, 3, 12). Graças ao nascimento virginal de Cristo é que “Maria havia recuperado a harmonia original de Eva”. Pela intercessão do Espírito Santo, ela “(...) não sentira o menor torvelinho de sensações descontroladas no momento em que concebeu Cristo”, pois a sensação física associada ao ato sexual “(...) fora plenamente consonante, no caso dela, com o movimento desimpedido de sua vontade” (Brown, 1990. p. 334).

Eva, a mãe da humanidade

Na ordem divina, Eva é a mãe da humanidade, portanto, “(...) por antecipação é também a mãe de Cristo; na ordem natural e social, é a parceira do homem; e, no mundo decaído, ela é vítima da inveja do diabo”. Após a Queda, não é mais possível separar os efeitos do pecado, da natureza e da graça, enquanto a mulher continuar a expressar sua sexualidade no casamento, pois só através da virgindade ela pode vencer totalmente o veneno da serpente antiga: “Como um ser sexual, a mulher é, como o homem, manchada na fonte, contudo, mesmo em sua Queda, ela é capaz de receber e revelar a graça” (Newman, 1989. p. 90). Em seus comentários a respeito do episódio ocorrido no Jardim do Éden, tanto em sua obra visionária quanto na de cunho médico, Hildegarda absolve Eva e lança o maior fardo da culpa sobre Satã. Além disso, ela se utiliza da

representação do casal, a fim de transmitir ensinamentos sobre matrimônio e sexualidade.

Eva, ainda mais do que a Virgem Maria, representa a mulher no pensamento de Hildegarda, possivelmente porque a ela foi atribuído o papel de mãe da humanidade. Embora o homem também seja partícipe no processo de procriação, é sobre a mulher que recai a responsabilidade maior do processo gestacional. É em seu ventre que um novo ser se desenvolve e foi graças a esse dom que ela foi vítima da inveja do diabo, pois ele reconhecia na maternidade a raiz de toda a raça humana, e os novos seres gerados teriam a função de substituir os anjos caídos. Tal constatação despertou nele não só a inveja, mas também o ódio, ódio que o fez perseguir a mulher ao longo dos tempos, mas que, sobretudo, fez com que ele tentasse os primeiros pais, atacando em primeiro lugar a mulher.

Eva e Maria têm em comum o fato de que ambas serão, de certa forma, ofuscadas. Maria, pelo poder brilhante de Deus, através da gestação do filho d’Ele; Eva seria ofuscada pela escuridão satânica que a envolveria depois do pecado da desobediência. A névoa impregnada de sujeira e escuridão envenena o brilho do Céu. De alguma maneira isso explica o porquê de a inveja de Satanás ter triunfado sobre a ingenuidade de Eva e, através dela, sobre toda sua descendência. Uma vez que a mulher deu ouvidos ao que lhe dizia a serpente, a morte entrou no mundo. Através do engano do Diabo foi que surgiu o primeiro pecado, o original. A partir desse acontecimento, é como se uma nuvem tivesse subido aos Céus a fim de cobrir toda a Terra, em uma tentativa de esconder a pura luz e a sabedoria.

Na concepção de Hildegarda, tanto Eva quanto Maria tinham sido puras e imaculadas em relação à maternidade. Hildegarda “(...) combinou uma visão tipológica extrema de Eva com uma rejeição padrão da sexualidade em seu estado atual. Por mais corrompida que seja a atração sexual que agora experimentamos, ela sustentou que, na origem, o prazer do amor não é nem um mal nem um castigo” (Newman, 1989. p. 112). Esta perspectiva fica mais evidente quando Hildegarda descreve a criação de Eva:

Deus fez com que Adão dormisse, retirou um osso de sua costela e criou a mulher para seu deleite. Depois da mulher criada, Deus lhes deu a virtude de criação, que é a capacidade de procriação. Quando Adão contemplou Eva, tomou consciência de que estava vendo a mãe com que devia engendrar seus filhos. E quando Eva contemplou Adão o viu quase no Céu, como a alma que deseja as coisas celestiais, porque sua esperança estava nele. E, por está razão, o amor entre o homem e a mulher deve ser único, nada se interpondo entre eles (Hildegarda, *LCC*, 1, 282).

Na defesa que Hildegarda faz de Eva, ela nos leva a refletir que, como Eva não foi criada de semente, mas sim da carne de um homem, “Deus a criou com a mesma manifestação de sua potência com que mandou seu filho à Virgem”. E ela acrescenta, em pensamento análogo ao de São Bernardo, que “(...) jamais vieram ao mundo outras mulheres parecidas com Eva, Virgem e Mãe, nem com Maria, Mãe e Virgem” (Hildegarda, *LDO*, 2, 3, 13). Este foi o modo como Deus se revestiu de forma humana e com ela ocultou a mesma natureza divina, a que os anjos contemplam no Céu. Embora o Céu seja a morada de Deus, é também a morada do homem.

Depois que Deus criou o homem, percebeu que lhe faltava uma auxiliar. Por isso, lhe foi dada uma semelhante: “(...) espelho de seu corpo, que é a mulher, no qual estava contido invisivelmente todo o gênero humano, que devia gerar-se na energia da força de Deus, assim como o primeiro homem foi feito na mesma energia de sua força”. O homem e a mulher estão em relação tão estreita um com o outro que a obra de um se cumpre através da obra do outro: “(...) porque o homem sem a mulher não se chamaria homem, nem a mulher sem o homem teria o nome de mulher. A mulher é a obra do homem e o homem é o rosto do consolo da mulher, e nenhum dos dois pode existir sem o outro” (Hildegarda, *LDO*, 1, 4, 100). Quando Adão contempla Eva como em um espelho, ele vê sua imagem refletida nela. A consciência de que ela é sua igual fica explícita assim que ele a vê; então exclama que ela era osso dos seus ossos e carne de sua carne, e a chama de mulher.

Eva teria sido ou não criada à imagem e semelhança de Deus? Esta é uma das questões levantadas tanto pelos autores eclesiásticos, quanto pelos filósofos. A pergunta tem sentido, uma vez que todos os animais foram criados do barro e apenas ela foi feita a partir de um osso da costela de Adão. Por isso, quebrando um pouco a ideia de igualdade, em alguns momentos, ao interpretar o *Gênesis*, Hildegarda a coloca como mais perfeita ou ontologicamente superior ao homem, exatamente pelo fato de Eva ter sido criada a partir do homem e não diretamente da terra. Para ela, “(...) o homem é como a alma e a mulher como o corpo” e, por extensão, “(...) o homem significa a divindade e a mulher a humanidade do Filho de Deus” (Hildegarda, *LDO*, 1, 4, 100). Adão simboliza, mas não compartilha a natureza divina. Em contraste, Eva simboliza e concede a humanidade divina, na medida em que prefigura Maria” (Newman, 1989. p. 93). É pelo seu dom e não por sua aparência que a mulher representa a natureza humana de Cristo e carrega o selo de sua imagem. Criados à imagem e semelhança de Deus, homens e mulheres receberam os mesmos benefícios; no entanto, no que diz respeito à

vestimenta corporal, a primazia é da mulher, porque está intimamente ligada à Encarnação.

Deus “(...) criou o homem e a mulher” (Gen. 1, 27). Para Ranque-Heinemann, o homem foi originalmente feito à imagem de Deus, ou seja, sem paixão, pois as paixões não pertenciam à natureza verdadeira do homem e, a princípio, eram peculiares aos animais: “De acordo com a vontade de Deus, o homem e a mulher habitaram o Paraíso como anjos, sem serem chamados pela luxúria sensual”. Não havia desejo do coito, não havia nem concepção, nem nascimento, nem qualquer espécie de corrupção: “Viviam na mais pura castidade, como no Céu, e eram abençoados nas relações com Deus” (Ranke-Heinemann, 1999. p. 65-67). Assim, a procriação através do sexo torna-se uma consequência do pecado de desobediência.

Na opinião de Agostinho, Lúcifer induziu Eva ao pecado da desobediência movido por inveja, por não suportar ver o homem desfrutando das delícias do Paraíso, o qual ele já havia conhecido, sendo dele expulso. Assim, sua maldade é direcionada para outra pessoa, a fim de que ela realize o ato que culminará com o rompimento entre Deus e o homem. Mesmo que o rompimento definitivo não aconteça, como punição Adão também é expulso do Paraíso, “(...) com o propósito de que cultivasse a terra, de que tinha sido tomado. [E Deus] expulsou Adão, e pôs diante do Paraíso de delícias querubins brandindo uma espada de fogo, na intenção de guardar o caminho da árvore da vida” (Gen. 3, 24).

A primeira mãe

Hildegarda, como Agostinho, percebe a inveja como o sentimento que move as ações de Satanás em relação a Eva. Isso se deve a vários fatores, mas principalmente à inveja da maternidade de Eva. É em Eva que será depositada a semente de que germinarão novos frutos. A inveja de Satanás, neste caso, se estende ao tecido celeste com o qual Deus revestiu o homem quando o criou, e que brilhava com grande glória. Satanás reconheceu na mulher a mãe em cujo seio se alojaria um possível grande mundo. Na concepção de Hildegarda, este foi o motivo que levou Satanás a tramar contra o casal, mas, sobretudo contra a mulher. Com intenção de alcançar seus objetivos, ele “(...) tratou de vencer Deus usando da mesma perversidade com que se revoltou contra Ele, fazendo com que o homem se aliasse ao diabo” (Hildegarda, *LDO*, 1, 1, 15). Depois tentou Eva, que, por sua vez, tentou o homem. A partir de então, ambos perderam a glória do vestido celestial, que era a imortalidade.

Agostinho formulou uma “(...) doutrina em que atribuiu a Adão e Eva liberdade moral e existencial”. Quando foram criados, eles tinham potencialmente a capacidade de escolher entre pecar ou não pecar e, como consequência do seu ato, morrer ou viver. Cientes disso, e responsáveis pelos seus atos, pecaram e colheram a corrupção da carne e a morte. A punição de Adão, além da mais conhecida, que é a de ganhar o pão com o suor do rosto, foi a de ficar à mercê da concupiscência ou do desejo desenfreado que “(...) originou-se como uma penalidade para o pecado e, ao mesmo tempo, tornou-se o meio pelo qual o pecado se perpetua eternamente, porque a luxúria infecta cada criança que é concebida com a mesma doença” (Newman, 1989. p. 108).

A participação feminina no castigo ocorre no sofrimento do parto; e esta participação, considerada menor, será compensada pelos teólogos que colocaram sobre a mulher toda a carga da tentação e da luxúria desenfreada. Parece ser consenso entre os comentadores que, se Adão e Eva não tivessem caído na tentação, teriam experimentado o sexo sem prazer e o parto sem dor. O bispo de Hipona “(...) viu as três maldições: luxúria, agonia no parto e a morte, como intrinsecamente relacionadas”. No Paraíso, afirmou ele, os primeiros pais teriam vivido juntos “(...) sem a luxúria, sem trabalho e dor do parto, e, quando o número predestinado dos santos fosse cumprido, Deus teria mudado seus corpos animais para espirituais, sem que passassem pela morte” (Newman, 1989. p. 109).

Hildegarda se referia ao pecado original em uma linguagem que lembra Agostinho; diríamos mesmo que assimila a dele em muitos pontos. No entanto, algumas de suas suposições são significativamente diferentes: “Inicialmente, ela colocou uma ênfase muito maior na glória, no que ocorreu antes da Queda de Adão e Eva, de acordo com a chamada tradição maximalista dos rabinos”. Nesse enfoque, o primeiro casal tinha sido agraciado “(...) com perfeições sobrenaturais: eles podiam ver a glória de Deus com seus olhos físicos, e conheciam todas as línguas, fossem humanas ou angélicas; seus sonhos continham a verdade profética e eles brilhavam como o sol, vestidos de luz”. Newman afirma que Hildegarda entende como característica mais distintiva da perfeição do primeiro casal o “(...) estado de integridade – totalidade da mente e do corpo, que inclui, mas transcende, a virgindade física”, e que, no Paraíso, “Adão e Eva estavam realmente livres da luxúria, mas sua união não havia sido sem prazer” (Newman, 1989. p. 112).

Newman afirma que, embora Hildegarda “(...) lamentasse a concupiscência, sua preocupação era evitar que se pensasse tratar de uma punição imposta por Deus”

(Newman, 1987. p. 112). Ao mesmo tempo, desejava minimizar a culpa de Eva tanto quanto possível. A solução foi culpar Satanás, o que ela fez com veemência e vigor. Dessa forma, baseada em sua influente leitura do livro de *Gênesis*, Hildegarda escapou tanto da inclinação de Agostinho, que pendia para uma visão vingativa da justiça divina, como da misoginia que caracterizava o século XII.

Conforme Newman, “(...) a Eva de Hildegarda nem persuade nem seduz Adão, embora o episódio de seu engano tenha proporcionado à maioria dos exegetas um arsenal de farpas misóginas”. Em vez disso, Eva simplesmente pega a doença do diabo, por assim dizer, e a transmite por contágio: “Preferindo essa analogia médica aos modelos forenses e legais da Queda, Hildegarda distanciou-se novamente da tradição agostiniana, com seu potencial para o antifeminismo”. Newman afirma que a Queda, em Hildegarda, “(...) representa o início de uma doença terminal causada pela maçã envenenada, corrompendo e perturbando todos os humores corporais”. Essa doença apresenta alguns sintomas, como “(...) perda de esplendor visível, cegueira espiritual e amnésia, luxúria, vergonha, depressão, raiva, fragilidade e perversão dos sentidos” (Newman, 1989. p. 116).

O pensamento de Hildegarda se assemelha ao de Bernardo de Claraval, no que se refere ao pecado original. Era lugar comum colocar sobre Eva a iniciativa e o peso da culpa, diferindo as opiniões somente quanto à mobilidade da mulher. O olhar de Hildegarda é mais radical, pois situa a iniciativa em Lúcifer e sua feroz luta de poder contra Deus, Eva acabando por ser mais uma vítima do assédio e sedução da serpente que uma protagonista ativa do ato de rebeldia. Lúcifer, devido à sua maldade sem fim, planeja que o mal seja realizado por outra criatura.

Em vez de procurar atingir diretamente a parte forte, a serpente preferiu vencer a fortaleza de Adão através da fraqueza de Eva. Esta é, assim, mediadora, e não causadora, na origem do mal humano. Em Adão, detecta Hildegarda uma atitude condenável, pela qual só ele é responsável: ao ser chamado por Deus, após ter comido do fruto proibido, acusou Eva, em vez de confessar o seu ato. A covardia é, assim, o pecado próprio de Adão. Bernardo de Claraval também o condena:

Alegra-te Adão, nosso pai, e tu Eva, nossa mãe, enche-te de gozo: vós mesmos, assim como fostes pais de todos, assim fostes de todos homicidas e, o que é maior desgraça, antes homicidas que pais, consolai-vos com esta filha, e que filha!: Porém, alegre-se Eva principalmente, pois dela primeiro nasceu o mal e seu opróbrio passou a todas as mulheres. (San Bernardo. Homilia segunda, v. 3).

Contudo, Bernardo afirma que a salvação virá, pois a sabedoria vencerá a malícia; e esta salvação virá através de uma mulher, Maria, a qual ele exalta. Ele continua dirigindo-se a Adão:

Portanto, muda as palavras da injusta acusação em louvores e ação de graças a Deus, e dize-lhe: Senhor, a mulher que me destes me deu o fruto da árvore da vida e comi dele; e foi mais doce que o mel na minha boca, porque nele me destes a vida. Olha para que foi enviado o anjo Gabriel à Virgem. Oh Virgem admirável e digníssima de toda honra! Oh mulher singularmente venerável, admirável entre todas as mulheres, que traz a restauração a seus pais e a vida a seus descendentes (San Bernardo. Homília segunda, V. 3).

Na opinião de Agostinho, há uma razão que explica os motivos que levaram Adão a transgredir o acordo feito com Deus: “(...) o primeiro homem não foi arrastado pela sedução, acreditando na verdade das palavras de sua mulher; cedeu, sim, devido à afeição que tinha à sua única companheira, à sua a si igual, à sua mulher” (Agostinho. *A Cidade de Deus*. 14, 11).

Ela tomou por verdadeiro o que a serpente lhe disse, mas ele não quis separar-se da sua única mulher nem mesmo na comunhão do pecado. Não foi por isso menos culpável— pois pecou com ciência e consciência. Foi por isso que o Apóstolo não disse “ele não pecou”, mas sim “não foi seduzido”. Confirma-o quando diz: *Por um só homem entrou o pecado no mundo (Rom., V, 12)*. E, pouco depois, mais claramente ainda: *Por uma transgressão semelhante à de Adão (Rom., V, 14)*. Para que mais? Não foram ambos enganados por terem acreditado, mas ambos foram apanhados e envolvidos nas armadilhas do Diabo (Agostinho. *A Cidade de Deus*. 14,11).

Hildegarda também apresenta a sua versão a respeito do fato de o diabo ter se utilizado da serpente na intenção de seduzir o casal, na visão e versão dela:

(....) Porque, quando o diabo viu o homem no Paraíso, ele gritou com grande aversão, dizendo: “*Oh! Quem me toca na mansão da verdadeira bem-aventurança?*”. E assim ele sabia que ainda não havia aperfeiçoado em nenhuma criatura a malícia que ele tinha dentro de si, mas vendo Adão e Eva caminharem com a inocência das crianças no jardim das delícias, com grande admiração ele se ergueu para ludibriá-los através da serpente. Por quê? Porque ele compreendeu que a serpente, mais do que qualquer outro animal, assemelhava-se a ele e estava ansioso por realizar, através da sua falsidade, o que ele não podia fazer abertamente em sua forma própria. (Hildegarda, *SCIVIAS*, 1, 1, 9).

Ela afirma ainda que “Adão poderia ter culpado sua esposa, porque, pelo conselho dela, ela lhe trouxe a morte; no entanto, ele não a dispensou enquanto viveu neste mundo, porque sabia que ela lhe fora dada pelo poder divino” (Hildegarda, *Scivias*. 1, 2, 11). Portanto, o mal deve ser lançado dentro da perdição da morte, e o bem

abraçado no amor da vida” (Hildegarda, *Scivias*, 1, 4, 30). Em defesa de Eva, Hildegarda apresenta um argumento que, parece-nos, é o único na literatura medieval e exegética a respeito da Queda:

Se Adão houvesse pecado antes que Eva, o pecado teria sido tão forte e irremediável, que o ser humano teria caído em tão incorrigível obstinação, que nem queria, nem podia salvar-se. Como Eva pecou primeiro, o pecado foi mais fácil de eliminar, porque ela era mais frágil do que o varão. A carne e a pele de Adão eram mais fortes e duras que as dos homens de agora, porque Adão foi criado da terra e Eva a partir dele. Porém, depois que tiveram filhos, a carne destes se fez cada vez mais frágil e assim o será até o último dia (Hildegarda, *LCC*, 2,91).

Adão era viril por causa do verdor viril da terra, e era “fortíssimo graças aos elementos”. Ele era a “força”, ao passo que Eva era a “maciez”, porque foi formada a partir da carne: “(....). Desta forma, ela foi tirada do homem, de modo que toda a humanidade vem dela” (Hildegarda, *LCC*, 2, 91).

Hildegarda alega que Eva foi induzida ao erro e que, por si só, ela não o cometeria. E mais, Eva não só comete o ato como livra o homem da responsabilidade. É a mártir que se entrega em função de um mal menor. Não fosse Eva, a perdição da humanidade seria infinitamente pior.

Assim, “(....) todos os elementos do mundo, que haviam existido antes em grande tranquilidade, caíram na maior agitação e mostraram horríveis terrores”. Isso ocorre porque, quando a humanidade escolheu a desobediência, rebelando-se contra Deus e trocando a tranquilidade em que vivia pela inquietude, “(....) aquela criação, que fora criada para o serviço da humanidade, voltou-se contra os humanos em uma infinidade de modos, de sorte que a humanidade, tendo-se rebaixado a si mesma, pudesse ser mantida sob seu controle” (Hildegarda, *Scivias*, 1, 2, 27). E a inimizade que inicialmente haveria apenas entre a serpente e a mulher estende-se a outros animais, que também passam a se mostrar hostis em relação aos humanos.

As insinuações de Satanás contra Deus não poderiam ter enganado Eva, a menos que ela já estivesse predisposta ao orgulho e à obtenção de poder. “Deus previu e não pode ignorar que o homem viria a pecar”. Esta é a opinião expressa de Agostinho, que continua: “Deus na sua presciência, previu uma e outra coisa, isto é, quão mau se viria a tornar o homem que ele criou bom e o bem que havia de tirar desse mal” (Agostinho. *A Cidade de Deus*. 11).

Hildegarda apresenta uma explicação detalhada dos motivos que levaram Deus a permitir que o homem incorresse no erro. Em primeiro lugar, ela chama a atenção dos

tolos, que não percebem a grandeza e a benevolência de Deus, “(...) porque vós sois tão tolos em vossos corações, vós que fostes feitos à imagem e semelhança de Deus”! Em segundo lugar, detalha os motivos pelos quais os homens passam pelas mais diferentes provações, que, a seu ver, são necessárias. Usando de analogia poética com vários elementos, ela diz:

Com efeito, a humanidade deve ser examinada mais do que qualquer outra criatura e, portanto, deve ser testada através de outra criatura. Como? O espírito deve ser provado pelo espírito, a carne pela carne, a terra pela água, o fogo pelo frio, a luta pela resistência, o bem pelo mal, a beleza pela deformidade, a pobreza pela riqueza, a doçura pela amargura, a saúde pela doença, o longo pelo curto, o duro pelo macio, o alto pelo profundo, a luz pela escuridão, a vida pela morte, o Paraíso pelas punições, o Reino celestial pela Geena, as coisas terrenas pelas coisas terrenas, e as coisas celestiais pelas coisas celestiais. Por conseguinte, a humanidade é testada por cada criatura, no Paraíso, na Terra e no Inferno; então, ela é colocada no Céu. (Hildegarda, *Scivias*, 1, 2, 29).

Para Hildegarda, a característica mais marcante do seu estado de integridade-perfeição era a totalidade da mente e do corpo, que inclui, mas transcende, a virgindade física. No Paraíso, Adão e Eva estavam realmente livres da luxúria, mas a sua união não teria sido sem prazer. Em vez disso, o marido e a esposa teriam ficado lado a lado, e gentilmente transpirariam como se estivessem dormindo. Então a mulher iria ficar grávida da transpiração do homem (suor) e, enquanto eles ficavam, assim, docemente dormindo, ela daria à luz uma criança, sem dor, do seu lado, da mesma forma que Deus trouxe Eva diante do homem, e que a Igreja nasceu do lado de Cristo.

Hildegarda, a voz do (no) seu tempo

O papel desempenhado pela mulher na vida política e religiosa dos séculos XII e XIII deve ser posto como fundamento do que poderíamos chamar de o renascimento da sensibilidade na Idade Média. Vauchez afirma que “(...) um dos aspectos mais originais da espiritualidade ocidental no século XIII é sem dúvida o lugar que nela ocuparam as mulheres, o que constitui efetivamente uma novidade” (Vauchez, 1995, p. 167).

Este renascimento ocorreu em todos os campos, mas sobressaiu-se na literatura em virtude da instalação do culto Mariano e da valorização feminina na literatura cortês. Entretanto, esta valorização não alcança todos os segmentos da sociedade, e também não alcança as mulheres todas da nobreza, que se supõe estarem mais próximas desta nova abordagem.

Hildegarda de Bingen destaca-se em sua época, uma vez que sua voz foi aceita e ouvida em uma sociedade que temia conceder às mulheres o domínio da escrita, fato considerado perigoso (pois acreditavam, até, que a palavra escrita poderia ser usada magicamente por elas). Hildegarda pode ser considerada como uma das precursoras no resgate deste papel feminino na sociedade medieval. Ela se esforçou para

(...) purificar a mulher de todas as suspeitas que sobre ela faziam pesar não só o papel essencial desempenhado por Eva no pecado original, como também a fraqueza intelectual e moral que lhe era atribuída por toda uma tradição literária com origem na Antiguidade, e que os autores medievais haviam subestimado (vauchez, 1995, p. 167-8).

Graças à voz que lhe diz o que escrever, ela pode se posicionar e dizer o que pensava a respeito da sociedade da qual fazia parte –, sobretudo suas opiniões em relação ao clero. É a autoridade que se constitui e que a fortalece, fazendo com que se destaque em um universo onde, o poder e o saber eram masculinos; e esta autoridade lhe permite considerar-se autora, visto que seu conhecimento vem direto do Além; e é original, pois chega até ela através do Ser que tudo criou.

É possível perceber que, mesmo traduzindo a voz divina, Hildegarda demonstra um vasto conhecimento de Exegese Bíblica, Filosofia e Teologia, e isso pode ser observado através de seus escritos. Mas, por vários motivos, não é possível precisar em quais fontes literárias ela bebeu. Além disso, há uma rica tradição oral a que, certamente, ela teve acesso. Observamos que Hildegarda se interessa não só por questões teológicas, mas por tudo o que envolve o ser humano, em sua natureza terrestre e multifacetada.

Hildegarda não se furtou a comentar a passagem bíblica, e ela o fez com mais detalhes em sua obra visionária *Liber Divinorum Operum*. A Queda do casal edênico recontada por Hildegarda apresenta uma dualidade, pois, se por um lado ela vê no casal o paradigma da sexualidade humana, planejado por Deus, tendo como propósito final a encarnação do Verbo, por outro ela também vê naquilo uma imagem e o prenúncio de todos os males morais e físicos, sobretudo aqueles concernentes aos desvios sexuais.

Hildegarda segue a narrativa do *Gênesis* fazendo sua interpretação peculiar, sob a égide da “Luz Vivente”: ela apresenta uma versão pela qual homem e mulher desempenham função primordial no papel criacionista. Nessa versão, o milagre da Encarnação foi prefigurado desde o princípio, porque Maria “vestiria” de carne o Filho de Deus, da mesma forma que Eva “vestiu” os filhos de Adão.

Entendemos que Hildegarda escolhe Eva por ela ser não só o contraponto de Maria, mas porque é, ao mesmo tempo, prenúncio dela. Ao defender Eva, pode-se dizer que, por extensão, Hildegarda defende as mulheres e sua condição de multiplicadoras da espécie; contudo, embora a maternidade seja sagrada, a virgindade também é reconhecida e valorizada. Maria representa um ideal inalcançável para as mulheres, pois, na vida, ou se é mãe, ou se é virgem.

A percepção da díade feminina pode ser evocada em uma linearidade, pois, com Eva, o pecado entrou no mundo, passando a fazer parte da história da humanidade, cujo salvador será concebido, sem mácula, por Maria.

Mesmo antes de pecar, era tarefa de Adão cuidar do jardim (Gen. 2, 15), e de Eva, o gerar filhos (Gen. 1,28). “Naturalmente as contrações já faziam parte do processo de expulsão do feto de dentro do corpo, como ocorre com todas as espécies de mamíferos”. Quanto ao suor, ele é resultado natural de um esforço físico.

Quanto à desolação da terra e a maldição pela qual ela produziria espinhos e cardos, isso reflete a condição humana de desilusão, de cansaço e da sensação de perda que toma conta de Adão depois de perceber que rompeu o acordo que tinha com Deus. A destinação final (*tu és pó e ao pó voltarás*) revela a misericórdia divina e não sua ira, porque encerra a promessa de que o sofrimento terá fim. Deus consola a humanidade, em uma mensagem implícita de que o sofrimento não será eterno.

Antes mesmo do período que denominamos Idade Média, pairava no ar uma questão importante: a mulher, criada a partir de uma costela de Adão, seria igual ou inferior a ele? Os comentadores (excetuando Agostinho, que apresenta Eva como inferior ao homem) afirmam que ela foi criada como seu complemento e que lhe era igual: correspondia a ele por estar à sua altura, e era proporcional com o que lhe faltava. Antes dela, o homem não estava exatamente só, visto que compartilhava seu espaço com outros animais; mas estava incompleto; e Eva veio suprir esta falta. Em relação à criação, o fato de a mulher ter sido retirada da costela de Adão a torna singular, uma vez que todos os outros seres foram criados a partir do pó da terra.

Quando Adão contempla Eva, vê nela, como em um espelho, a sua imagem refletida. Ele percebe que ela é igual a ele, diz que ela é osso de seus ossos e carne de sua carne, e a chama de mulher. Hildegarda difere de outros autores que insistem em afirmar que Eva era inferior a Adão, por ter sido tirada de seus ossos: para ela, esta característica a torna especial e não menor do que o homem. Para Hildegarda, é na

fragilidade feminina de Eva, compensada pelo amor de Adão por ela, que Satanás encontra a brecha que procura para induzi-los ao erro.

Eva, rebelde ou independente?

A figura de Eva sofreu transformações ao longo da história. Ela foi moldada e mudada a fim de atender a conveniências e propósitos de pessoas que a viam como a “pecadora” ou a “desobediente” e utilizaram-se destes epítetos para taxar todas as outras mulheres, colocando-as no mesmo nível. Portanto, o papel de companheira no processo criacionista de Deus teria sido solapado, sendo Eva resgatada muito tempo depois na figura de Maria, a mãe do Redentor.

Eva também é mãe de toda a humanidade, logo, é a mãe de todos os humanos pecadores; Maria é mãe de um único homem, o salvador do mundo e, por isso, torna-se mãe de todos. Mas, ao contrário de Eva, sua missão é resgatar a humanidade perdida, o que fez gerando em seu seio a salvação do mundo.

Para Hildegarda, Eva é dual: traz em si o pecado e também a salvação. Ela a vê como antecessora de Maria, figura essencial, uma vez que vai gerar o Cristo, ao mesmo tempo em que resgata a primazia do papel feminino na condução da salvação humana. Hildegarda entende, pois, que o papel de Eva na história da vida humana é ambivalente.

Em Hildegarda, de um lado Eva representa o poder criador da divindade manifestado por e através da maternidade, e, de outro, está ligada ao pecado original.

A figura de Eva passa a ser vinculada à da mulher sedutora. Ela foi seduzida pela serpente e, por sua vez, seduziu Adão. O estigma se perpetuará de geração em geração e as mulheres passaram a serem vistas como as sedutoras e corruptíveis que induzem os homens aos pecados da carne, contribuindo assim para a sua perdição. Por isto, dentro do contexto da sociedade medieval, tira-se grande parte da culpa que seria imputada ao homem pelos desvios sexuais, uma vez que a responsabilidade pelos mesmos recai predominantemente sobre a mulher.

Para a monja, foi por inveja que Satanás investiu contra o primeiro casal, sobretudo contra Eva, porque reconheceu nela a mãe em cujo seio seria possível a (re)formulação do mundo. Percebendo a importância da capacidade reprodutiva da mulher, compreendendo que os novos seres gerados ocupariam o lugar que ele perdeu, e a fim de trazer para si novos adeptos, Satanás tentou fazer com que o homem rompesse com o Criador tornando-se seu aliado.

Sobre Eva, Hildegarda afirma que, “(...) ela foi à primeira mãe do gênero humano criada à semelhança do éter, o mesmo éter que contém em si todas as estrelas”; assim também, quando a Eva foi dito “crescei e multiplicai-vos”, ela “(...) abrigou em si, íntegro, sem corrupção e sem dor, todo o gênero humano”; depois da ‘Queda’; as mulheres “(...) passam pela menstruação e pelo parto com dor” (Hildegarda, *LCC*, 2, 223). A respeito desse assunto, Bernardo de Claraval diz: “Correm mães, correm filhas, correm todas as que depois de Eva, e por Eva, acercam-se do parto com tristeza e porem com dor” (San Bernardo. 2, 2).

O pecado de Adão e Eva é menor do que o de Lúcifer: enquanto este queria ser como Deus, o casal queria conhecer mais do que lhe era permitido. Assim, ao provar do fruto proibido, adquiriram a ciência do bem e do mal. Eles deveriam adquirir conhecimento por si só, ou pela obediência, mantendo-se confiantes de que, no momento adequado, este saber lhes seria transmitido, sem precisar experimentar do fruto da árvore do conhecimento. Porque, tendo sido criados à imagem e semelhança de Deus, este conhecimento estaria dentro deles, desde o primeiro momento.

Quando o diabo desejou que o pecado entrasse no mundo através de uma mulher, não conseguiu prever que a Redenção viria através de outra mulher. Na opinião de Hildegarda, se Adão pecou por desobediência e orgulho, Jesus redime a humanidade por obediência e humildade.

A presença das mulheres é marcante, tanto na Queda, quanto na Redenção. Ambas desempenham seus papéis. De um lado encontra-se Eva que, cedendo às insinuações da serpente, termina por praticar um ato de desobediência, recebendo o estigma de “a Pecadora”; do outro lado encontra-se Maria, não cedendo a nenhuma tentação, mantendo-se firme em suas convicções, aceitando desde o princípio o que o Deus lhe reservava, cooperando com Ele em sua obra reparadora, recebendo o título de “Redentora”. E, a fim de promover a harmonia entre os homens foi necessário que o Filho de Deus derramasse seu sangue, livrando a humanidade das consequências daquela transgressão

Concluindo

Mesmo sendo herdeira de toda uma tradição que carrega consigo o preconceito, sobretudo quando se trata de questões de cunho sexual, Hildegarda consegue sair deste círculo, se não completamente, pelo menos em parte. E isso foi conquistado graças às

ideias que ela absorve da sabedoria popular, e também, possivelmente, consultando diretamente as fontes gregas, latinas, judaicas e árabes.

Embora permaneça fiel a sua origem e sua formação beneditina, Hildegarda rompe com muitos paradigmas. Sua contribuição teológica, moral, espiritual, exegética, profética, médica é um legado que contribui significativamente para que possamos compreender o século XII.

Ousamos dizer que, posicionando-se em favor de Eva, defendendo-a de acusações que, em sua percepção, eram injustas, colocando-se, como mulher, no papel de protagonista da História, ao trazer à tona a dualidade de Eva, Hildegarda desvela sua própria dualidade. Defendendo Eva, defende as mulheres de todos os tempos e lugares, mulheres injustiçadas vítimas de preconceitos e misoginia. Com Eva e Maria, simultaneamente, ela consegue romper as barreiras impostas ao seu sexo, abrindo perspectivas a fim de que todas as mulheres também o possam fazer.

“Quase tudo o que sabemos sobre as mulheres na Idade Média foi, em boa medida, um legado deixado pelos homens. É possível suspeitar que a literatura desse período pode até ter sido escrita por mulheres sob o pseudônimo masculino. No entanto, o que nos chegou em grande medida foram vozes femininas por meio dos discursos masculinos. Neste sentido, Hildegarda rompe uma barreira ao nos deixar uma obra significativa, pois teve uma intensa atividade” (Pinheiro; Eggert, 2016. p. 101).

Hildegarda é um grande expoente que ultrapassou o seu tempo e chega até nós com o frescor preservado. Seus estudos e trabalhos mostram uma atualidade que venceu a barreira do tempo, e afluem até nós com a perspectiva de novo, de contemporaneidade. Ela é, sem sombra de dúvida, o maior nome feminino da cristandade no século XII, devido não só ao conjunto da sua obra, mas também pela sua personalidade forte e marcante. Hildegarda é uma mulher que desperta em outras mulheres o desejo de inovar, mesmo que esta inovação ocorra dentro do sistema – sem a intenção de diluí-lo, mas de reformá-lo, mesmo estando inserida nele e nele permanecendo.

Sua excepcional contribuição para a cultura transcende o período medieval. E ela se expressa sempre em termos femininos, reconhecendo e apreciando o lugar devido à mulher na sociedade. Hildegarda entendia que os papéis e os dons, tanto de homens como de mulheres, eram complementares entre si, e que ambos eram igualmente necessários para um correto e bom funcionamento da sociedade.

Referências Bibliográficas:

Obras de Hildegarda de Bingen

HILDEGARDA DE BINGEN. *Liber Divinorum Operum. Libro de Las Obras Divinas*. Traducción del latín y notas por: Rafael Renedo. Madri: Hildegardiana, 2013. 317 p.

HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades*. Traducción: José María Puyol y Pablo Kurt Rettschlag. Madri: Hildegardiana. 2013a. 189p.

HILDEGARDA DE BINGEN. *SCIVIAS, conhece os caminhos do Senhor*. Tradução: Paulo Ferreira Valério. – São Paulo: Paulus, 2015. 772 p.

Autores antigos e medievais:

AGOSTINHO Santo, Bispo de Hipona,; PEREIRA, J. Dias. *A cidade de Deus*. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. 3 v.

BÍBLIA Sagrada. 10. ed. [s.l.]: Edições Paulinas, 1957. 1501p.

SAN BERNARDO. *Obras completas de San Bernardo*. Edición española preparada por el P.Gregorio Diez Ramos. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos. 1953. 1265p.

Estudos:

BENTO XVI. CARTA APOSTÓLICA *por la que Santa Hildegarda de Bingen, Monja Profesa de la Orden de San Benito, es proclamada Doctora de la Iglesia universal. Ad perpetuam rei memoriam*. *L'Osservatore Romano* 8-9 octubre, 2012. *Revista Teologia* • Tomo L • Nº 113 • Abril 2014: 17-27

BROWN, Peter Robert Lamont. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1990. 485p.

CARVALHO, Joaquim Félix de; MENDONÇA, José Tolentino. *Flor Brillante. Hildegard von Bingen*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. 206 p.

ÉPINEY-BURGARD; Georgette ZUM; BRUNN, Émilie. *Mujeres trovadoras de Dios: Una tradición silenciada de la Europa Medieval*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A. 2007. 280p.

LABARGE, Margareth Wade. *La mujer en la Edad Média*. Madrid: Nerea, 1988. 318p.

LE GOFF, Jacques. *As doenças têm histórias*. Tradução: Laurinda Bom. -Lisboa. Ed. Terramar, 1997. 368p.

NEWMAN Barbara. *Sister of Wisdom: St.Hildegard of Bingen's Theology of the Feminine*. University of California Press. Berkeley and Los Angeles, California. 1989. 305 p.

NEWMAN, Barbara J. Introdução. In: HILDEGARDA DE BINGEN. *SCIVIAS, conhece os caminhos do Senhor*. Tradução: Paulo Ferreira Valério. – São Paulo: Paulus, 2015. 772, p.21-89.

OLIVEIRA Maria Carmen Gomes Martiniano de. *A peregrinação da alma no Scivias de Hildegard de Bingen: criação, queda, redenção e salvação*. *História* (São Paulo) v.32, n.2, p. 209-240, jul./dez.2013. <http://www.scielo.br/pdf/his/v32n2/a11v32n2>

PERNOUD, Regine. *Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII*. Tradução : Eloa Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 134p.

PINHEIRO, Mirtes Emília. Desvendando Eva [manuscrito: o feminino em Hildegarda de Bingen. Mirtes Emília Pinheiro. 2017.249 folhas. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

PINHEIRO; EGGERT. IN: *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org.) --Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p. 101.

RANKE-HEINEMANN, Uta; FRÓES, Paulo. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. 383 p.

SIMONI, Karine. De Dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. IN: Deplagne, Luciana Eleonora de Freitas Calado. *As intelectuais na Idade Média: Pensadoras, místicas, cientistas e literatas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

THOMASSET, Claudia. IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Tradução: Maria Helena da Cruz Coelho ... [et al.]. Porto: Afrontamento, c1990. 5v. Volume 2. P.63-92.

XAVIER Maria Leonor L.O. IN: Hildegarda, uma autora multidisciplinar. FERREIRA Maria Luísa Ribeiro (Org.), *Pensar no Feminino*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, 295 p.